



ORGANOGRAMA OFICIAL CARNAVAL VIRTUAL 2018

Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais - LIESV

*Presidente: Ewerton Fintelman
Vice Presidente Administrativo: Murilo Sousa
Vice Presidente Artístico: João Salles*

G.R.E.S.V. IMPÉRIO ANDREENSE



PRESIDENTE
Henrique Torres

“NÃO CHUTA QUE É MACUMBA!”



CARNAVALESCO
LEANDRO RAMOS

Tema-Enredo (Título do enredo e subtítulos se houverem) *

Não chuta que é macumba!

Carnavalesco *

Leandro Ramos

Autor(es) do Enredo *

Leandro Ramos

Elaborador(es) do Roteiro do Desfile *

Leandro Ramos

Outras Informações Julgadas Necessárias (fontes de consulta, livros etc) *

Sites Diversos

SINOPSE DO ENREDO

Não chuta que é macumba!

Não, não chuta não!
 Que essa macumba¹ é herança cultural,
 É o culto de um povo a seus ancestrais;
 Tesouro fiel do negro continente.
 Macumba² essa que se toca no esplendor de um ritual,
 Que ecoa junto aos tambores para Orixás, Voduns, Inquices e outros mais;
 Nas livres crenças de uma nação valente,
 Alcinha imortal ao legado dessa gente.

Não chute, pois ela é resistência!
 À submissão nas terríveis invasões,
 Aos tumbeiros cheios de fé lançados ao desconhecido,
 À cruz do senhor que a até a alma tentou escravizar.
 Mas escondido seguiram as louvações,
 Viu-se orixás se transfigurar no mais “sacro” artigo;
 Nos santos cortejos fez o culto continuar,
 E na miscigenação se viu uma nova religião brotar.

Não chuta que ela é identidade!
 É a lição aos herdeiros dos saberes divinos,
 Que nas giras viram renascer os tradicionais ensinamentos;
 É batuque nas rodas, é o sagrado ritmo magistral.
 Que em negras procissões fez escola, coroando os destinos;
 De malandros e mulatas com seus mais belos movimentos.
 E vai o “povo do terreiro” abrindo caminhos na avenida imortal,
 Pois o altar do samba é o gongá do carnaval.

Não, não vou deixar chutar!
 Nessa laica nação de velada hipocrisia;
 Onde o preto velho é chacota do Senhor;
 E pedras ferem a liberdade da criança.
 Tem-se uma livre perseguição, que fecham terreiros dia-a-dia;
 Mas o povo de Olorum segue na luta sem temer o ardor;
 Deixem à baiana girar em paz para sua entidade, renovando a esperança,
 Dos filhos de todas as irmandades, que hoje soltam gritos pela tolerância.

Glossário

- Macumba¹ - oferenda ao orixá Exu, colocado em encruzilhadas; designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas, e também ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas;
- Macumba² - instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao atual reco-reco, que era outrora usado em terreiros de cultos africanos;
- Orixás, Voduns, Inquices - divindades ou entidades de diferentes grupos étnicos africanos;
- Tumbeiros - designação dos navios negreiros usados no tráfico de escravos para o Brasil. Tinha essa denominação devido as altas taxas de mortalidade nas travessias;

- Giras - é a reunião de vários espíritos de uma determinada categoria, que se manifestam através da incorporação nos médiuns. Podem ser festivas, de trabalho ou de treinamento;
- Gongá - é a denominação do "altar sagrado" existente dentro do terreiro;
- Olorum - deus maior entre os povos da costa da Guiné e regiões vizinhas, ente divino abstrato, eterno, onipotente, criador do mundo.

Autoria do Samba-Enredo*

Tatu Maluco

Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito) *

SALVE PRETO VELHO, SALVE O POVO DE ARUANDA
A BAIANA VAI GIRAR RENOVANDO A ESPERANÇA
E É NO TOQUE DO TAMBOR QUE EU VOU
LIBERTANDO AS CORRENTES, MEU IMPÉRIO É SONHADOR

OUÇA MINHA VOZ QUE CHAMA
OS TAMBORES PRA TOCAREM POR AQUI
SENTINDO NO PEITO, A LIBERDADE A FLUIR
SOMOS A ALMA DE UM POVO SOFRIDO
E PELA INTOLERÂNCIA OPRIMIDO
EU CANTO PRA ORIXÁ ÔÔ
POR LIBERADE E AMOR ÔÔ
UM GRITO SE FAZ SENTINELA
E A CRUZ NÃO SE LEVANTA PERANTE AQUELA

AQUELA FORÇA QUE VEM DO CÉU
É O ABRIGO DA PAZ, MEU PROTETOR
A RESISTÊNCIA DA IDENTIDADE
UM BATUQUE DE VERDADE ECOOU

NÃO CHUTA, O POVO NAS RUAS
NÃO SE CALA E VAI EM PROCISSÃO
OS TERREIROS SÃO A RESIDÊNCIA
DE QUEM VIVE A ESSÊNCIA DA NOSSA DEVOÇÃO

SOU MAIS UM NA BATALHA

O ALTAR DO SAMBA É O GONGÁ DO CARNAVAL

E PRA COMBATER A HIPOCRISIA

É PRECISO VALENTIA, TORNANDO O POVO DE OLORUM, SEU ANCESTRAL

Defesa do Samba (se a escola julgar necessário)

ROTEIRO DO DESFILE

*Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver) **

Alas – 14
Alegorias – 03
Tripé – 01
Mestre Sala e Porta Bandeira – 01
Guardiões de Casal de MS & PB – 01
Elementos Facultativos – 03 (contando com os Guardiões do Casal de MS & PB)

*Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas) **

EXEMPLO: (ISSO É APENAS UM EXEMPLO, APAGUEM E COLOQUEM O DE VOCÊS).

Setor 1 – As livres crenças de uma nação valente.

Comissão de Frente – Culto à ancestralidade.

Elemento Facultativo 01 – Guardiões da escola (Grupo Show) – A força do negro continente.

Ala 01 – Orixás, Voduns, Inquices e outros mais.

Alegoria 01 – África: o esplendor de um ritual.

Setor 2 – “Oprimido pelo intolerante”

Ala 02 – Invasões Árabes.

Ala 03 – Invasões Cristãs.

Ala 04 – Os tumbeiros cheios de fé.

Tripé 01 – Esqueça de tudo e seja feliz.

Ala 05 – Baianinhas – Os dogmas da aristocracia brasileira.

Ala 06 – Os santos cortejos.

Ala 07 – Baianas – O Santo é Orixá.

Ala 08 – Os Povos de imigração.

Alegoria 02 – Uma nova religião.

Setor 3 – “A resistência da identidade”

Ala 09 – Velha Guarda – Salve os Pretos Velhos.

Elemento Facultativo 02 – Guardiões do casal de MS & PB– Ogãs de toque.

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – “Aquela força que vem do céu”: as Giras.

Elemento Facultativo 03 – Rainha da Bateria– Oxum de Ciata.

Ala 10 – Bateria – “Um batuque de verdade ecoou”: O samba.

Ala 11 – Passistas – Malandros e Mulatas.

Ala 12 – O povo do terreiro na avenida.

Ala 13 – E fez escola.

Alegoria 03 – O altar do Samba é o gongá do carnaval.

Setor 4 – Não Chuta que é macumba!

Ala 14 – “O povo na rua não se cala e segue em procissão” ou Não chuta que é macumba!

Criador(es) dos Desenhos* Nome(s) do(s) artista(s)*: Leandro Ramos	
Nome do Elemento	O que representa
Comissão de Frente – Culto à ancestralidade	<p>A comissão de frente do Império Andreense apresenta de forma figurativa um ritual de culto aos ancestrais africanos. Este tipo de ritual se fez - e ainda se faz - bastante comum nos diferentes grupos (ou tribos) étnicos do negro continente. O respeito aos indivíduos mais velhos forma a base a educação empírica deste povo, assim aqueles que já morreram também possuem grandes laços de admiração e respeito, sendo esses guardiões dos saberes e segredos da natureza do lugar. Para o africano a morte é encarada como renovação. Rituais de invocação aqueles que já se foram é bastante comum nos diferentes grupos étnicos que formam este rico continente. O poder da tradição é conectado com a duração cíclica, repetição ritual, gerontocracia (governo por homens velhos), nos cultos dos antepassados, nos ritos de iniciação. Os africanos acreditam que um antepassado dá grandes benefícios para seus parentes vivos tais como: a saúde, a vida longa, sorte, prosperidade e bons filhos.</p> <p>A proposta da abertura da escola é encenar um ritual de invocação os ancestrais africanos para que estes guiem a narrativa do desfile e mostre a influência da religiosidade negra na formação do povo brasileiro.</p> <p>A fantasia faz referência as máscaras utilizadas em nesses cultos religiosos, onde este ser ancestral “incorpora” nas máscaras e guia seu condutor do desenvolvimento da celebração. Uma velha feiticeira conduz todo ritual dando aspectos místicos ao desfile que se segue. A opção estética adotada se inspira nos elementos terra que rege todo esse setor de abertura do desfile. As cores “terrosas” marcaram toda esta abertura, junto de elementos da cultura material dos antigos povos desse continente.</p>
	

<p>Elemento Facultativo 01 – Guardiões da escola (Grupo show) – A força do negro continente.</p>	<p>Seguindo a narrativa do desfile optou-se por apresentar graficamente a escola escoltada por um grupo de guerreiros, que trazem a força do negro continente. Com elementos considerados “demoníacos” por povos que futuramente vieram a invadir a África, o grupo traz grandes chifres nas cabeças e tem o rosto o corpo coberto de palha – para vários grupos étnicos do continente a palha guarda da morte, daquilo que deve permanecer oculto – mostrando a “santidade” contida nestes guerreiros. A fantasia faz referência ao culto Egunguns. Trata-se de um culto iorubano dedicado aos ancestrais masculinos originário da região de Oyò. Este grupo de guerreiro com lanças, formam em seus escudos o nome da escola e introduzem no padrão estético apresentado na comissão de frente as cores da escola defendido por eles – verde e amarelo.</p>
<div data-bbox="304 264 619 745" data-label="Image"> </div> <p>(O exemplo acima é apenas representativo, no desfile cada integrante leva no escudo uma letra formando o nome da escola)</p>	<p>Ala 01 – Orixás, Voduns, Inquices e outros mais.</p> <div data-bbox="331 954 592 1402" data-label="Image"> </div> <p>A ala de abertura do Império Andreense invoca os cultos dos diferentes povos que formam o continente africano, e debruça-se pelos três grupos de divindades mais conhecidas e difundida na África e também nos locais onde os negros foram levados. Os orixás do culto Ioruba, os voduns do reino de Daomé e as Inquices do povo Banto. Cada um desses e de vários outros grupos étnicos possuem um sistema próprio de divindades e suas relações com elementos da natureza. Estes povos associam as manifestações da natureza – a chuva, o trovão, a cachoeira, o vento, etc. - com entidades divinas. A fantasia traz chifres e palha para representar os misticismos contido nessas divindades, uma cabeça com os olhos cobertos e a capa com pele de animais dão traços rudimentares e “santos” no figurino que se apresenta.</p>
<p>Alegoria 01 – África o esplendor de um ritual.</p>	<p>O abre alas do Império Andreense apresenta um</p>



conjunto alegórico contextualizando uma visão “primitiva” dos cultos africanos. Para apresenta a dualidade existente no elemento principal do título do enredo da escola (Não chuta que é macumba!), a alegoria debruça-se sobre os significados da palavra macumba. A primeira parte do eixo que forma a alegoria em si é dedicada aquilo que é comumente chamada de macumba, ou seja, as ofertas ou oferendas a divindades africanas. Baseada na estética daquilo que foi denominado como “primitivo”, a frente do abre alas traz elementos “amontoados” comum em rituais de ofertas. As essas divindades se ofertavam danças, rezas e comidas. Para que os mesmos se nutrissem e assim eles nutririam os elementos da natureza a qual são associados. Potes e esculturas com ofertas de ervas, cabaças (guardam dentro de si o mistério da vida) e comidas compõem essa primeira parte da alegoria. Além da coroa do Império Andreense, adornada com elementos da natureza – raiz e búzios – representado os vários reinos que existiam – e ainda existe –no continente negro.

A outro significado da palavra macumba é dedicada a segunda parte do abre-alas, trata-se da real denominação do termo, que é um instrumento musical parecido com um reco-reco, que se tocava nesses rituais de ofertas. O instrumento aparece abrindo esse segundo seguimento da alegoria (atrás da coroa) e também estas nas esculturas dos macumbeiros – tocadores de macumba. Tambores utilizados nos rituais também compõem essa parte da alegoria. Encerrando surge um grande feiticeiro mascarado e adornados com galhos da arvore sagrada que vem conduzido este grande ritual formado pela primeira alegoria.

Os tripés que abrem o conjunto alegórico, trazem elementos ritualísticos na sua base e um grande escudo africano (que aparece em outros pontos da alegoria) que está contido no pavilhão do Império Andreense, assim a escola abre caminho de forma definitiva para narrar a influência da religiosidade negra na formação da identidade do povo brasileiro.

- Destaque da primeira parte: Oferendas a mãe África;
- Destaque da segunda parte: Toques rituais.
- As composições gerais são os rituais africanos.
- As composições sobre tambores (segunda parte) são os ritmos africano.

Ala 02 – Invasões Árabes.

Abrindo o segundo setor do desfile que se debruça sobre a opressão e intolerância aos cultos africanos, apresenta-se as invasões ao negro continente, para esta representação optou-se por mostrar as invasões ideológicas ocorridas no lugar.

A partir do século VII os árabes firmaram território na região do norte da África, sobretudo no Egito a partir da expansão do Califado Omíada, influenciando e modificando drasticamente a religiosidade ali presente. Com os avanços em busca de tesouros – ouro mais específico – os muçulmanos adentraram cada vez mais os territórios do continente, levando com si os dogmas da religião Islâmica influenciando de forma definitiva - Com uso da força muitas vezes – o padrão de culto dos locais. Hoje o Islã é a religião mais cultuada no continente africano com cerca de 45% da população, apesar de mais concentrada no norte da África, Alá (deus maior na religião) é cultuado em todas as sub-regiões.

A fantasia faz referência a um comerciante árabe, pois o comércio foi a primeira forma de aproximação dos muçulmanos com os povos do continente africano. Com aspectos simbólicos o esplendor representa o espírito islâmico que era trazido com esses comerciantes. Por uma questão de escolha estética a ala que se segue também se utiliza desse recurso, e ainda forma com está um contraponto visual – cores investidas. A lua e a estrela contida no elemento de mão formam um dos poucos símbolos visuais da religião.

Ala 03 – Invasões Cristãs.

Outra invasão ideológica foi praticada pelos europeus e que traziam consigo o cristianismo. O comércio também foi porta de entrada dos europeus no negro continente. Inicialmente estes estabeleciam relações comerciais com diferentes povos da região costeira da África de forma “amigável”, que estabeleciam ganhos para as duas partes envolvidas no evento. Não era de interesse dos europeus se apropriarem de territórios, tendo o único interesse nos produtos ali comercializados. Com o avanço mercantilista e a desenfreada busca por riquezas as rotas comerciais despertavam cada vez mais a ambição dos “brancos” e a África começou a ser encarada de outra forma. Os reinos mais ricos do continente foram saqueados e invadidos em busca de ouro e pedras preciosas. Posteriormente a invasão se deu em busca de mão de obra. O principal “discurso” adotado para justificar a

	<p>apropriação e escravidão de pessoas era pautado no caráter religioso, pois para os europeus (assim como para os árabes), ali se cultuavam demônios e estes cultos que deveriam ser combatidos. Com respaldo de chefes religiosos o cristianismo deveria fazer uma “limpeza” espiritual no corpo e alma dos africanos agora escravizados. As investidas europeias na África se sucederam durante os séculos e hoje o cristianismo cultuado por 40% da população do continente.</p> <p>A fantasia como dita na ala anterior faz um contraponto visual com a mesma e traz a figura do comerciante europeu (nesse caso o comerciante de escravos). O esplendor trás o espírito cristão (baseado no catolicismo, maior religião cristã) e a cruz latina como símbolo maior da religião no adereço de mão.</p>
<p>Ala 04 – Os tumbeiros cheios de fé.</p>	<p>Os negros agora escravizados serviram de mão de obra para o desenvolvimento das diversas colônias que os países europeus estabeleciam no “mundo novo” que se apresentava. Como fator da limpeza espiritual que os cristãos estabeleceram aos africanos, estes eram transportados nos chamados navios negreiros para desembrenhar no além-mar trabalhos e aprender dogmas afim de ter sua alma libertada. Os comerciantes de escravos se preocupavam que os negros não levassem consigo seus aspectos religiosos, isso sendo violentamente combatido antes dos embarques. Muitos deles eram obrigados a dar inúmeras voltas em uma árvore qualquer, que era denominada pelo seu algoz como árvore do esquecimento, para que ali ficasse todas suas crenças e assim seu corpo estaria livre para que denominada religião verdadeira tomasse seu lugar no novo mundo. Mas como a alma não se pode escravizar os navios negreiros, que foram denominados de tumbeiros devido à alta taxa de mortalidade na travessia (chegava a 50% dos negros), ficavam cheios de fé, aos seus cultos e ancestrais.</p> <p>A fantasia faz referência a travessia do atlântico, e mostra um escravo acorrentado em um navio negreiro, que eram lançados ao desconhecido, levando mesmo violentamente recriminada a sua fé. O figurino também traz as grandes velas do navio manchadas e rasgadas, mostrando a forma degradante de como ocorriam estas travessias.</p>
<p>Tripé 01 – Esqueça de tudo e seja feliz.</p>	<p>A fim de dar “boas vindas” a este povo obrigado</p>





a deixar seu local, apresenta-se um elemento cenográfico marcando a chegada dos africanos em terras brasileiras que era a mais importante colônia portuguesa. De forma irônica o comerciante que embarcavam os negros na condição de escravos dizia ironicamente “sós filhos de Deus a caminho de terras portuguesas, esqueçam tudo o que você viveu por aqui e seja feliz”. Esse “tudo” está relacionado a seus costumes e cultos. E estes feriam felizes pois a eles seriam apresentados o Deus salvador. Assim de forma também irônica o tripé apresenta um portal de boas-vindas ao estilo Lisboaeta (comum para marcar datas ou feitos comemorativos da família real em Lisboa), mostrando um cais do porto onde os navios chegavam para o desembarque do povo africano. A escultura ao centro trás o caráter realista a intensão de marcar o ponto de chegada dos cultos africanos no território brasileiro, mostrado uma das mais comuns punições à aqueles que insistiam seguir ritos e crenças.

O destaque a cima representa: A cruz do senhor que até a alma quis escravizar.

Ala 05 – Baianinhas – Os dogmas da aristocracia brasileira.



Seguindo os aspectos dogmáticos que eram impostos aos negros nas terras brasileiras, a ala das baianinhas representa a forma como eram tratados os brancos e os negros perante a religião oficial da colônia. Baseada nas aquarelas de Debret “Um funcionário a passeio com sua família” e “Negras novas indo ao batismo” a ala faz uma antítese dos dogmas apresentados de forma oficial e como eles eram realmente praticados. No caráter do figurino das moças brancas tem-se o simbolismo da visão oficial de uma pessoa bem-vinda sobe os olhos de Deus – segundos aqueles que praticavam e conduziam a religião cristã – com vestisses tradicionais ao período tem-se como um a jovem comumente ia as igrejas fazer suas orações. Onde certamente era bem tratada e ouvia os dogmas e ensinamentos da religião.

O figurino que marcam as jovens negras tem-se uma visão mais rudimentar dada a essas pessoas. A vestimenta seria o resultado do máximo esforço que um negro católico poderia dispor para apresentar-se em uma igreja. Entretanto como Debret retrata em sua aquarela, apesar do requinte mais alto que as jovens poderiam ter elas não eram bem-vindas nos templos cristãos – mesmo aquelas que aceitavam a religião como sua nova doutrina de vida -, tendo seus batizado sendo realizado na porta da igreja por um



sacerdote de hierarquia mais baixa no templo. Aos negros também era impedida a passagem além dos átrios de entrada das igrejas durante as missas ou qualquer celebração. Mesmo que durante as mesmas os sacerdotes declamavam que todos seria igual perante sua divindade.

Assim o conjunto visual que se apresenta para a ala das baianinhas tem uma estética baseada nas cores mais “apagadas” comum ao período colonial Brasileiro e trás na composição do desfile as moças brancas ao centro e as negras sempre a margens delas.

Ala 06 – Os santos cortejos.



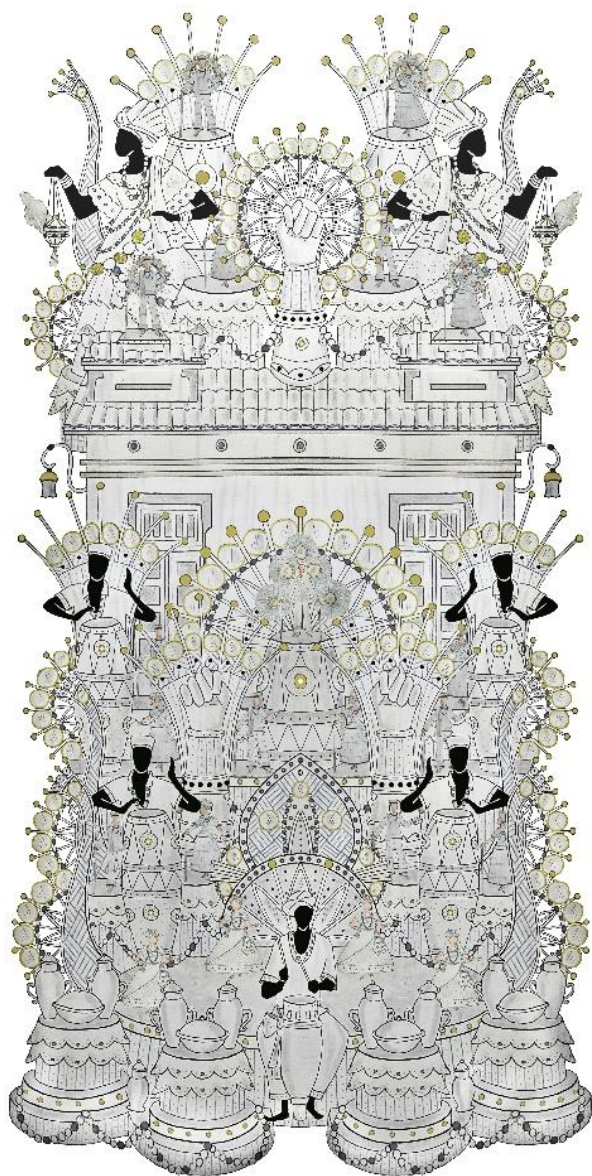
No caráter da construção da identidade dos hábitos do período colonial e do imperial os dias dedicados aos santos católicos eram o máximo do esplendor cultural das diferentes localidades e povoados habitados pelos negros. Apesar de serem totalmente excluídos dos festejos os mesmos sempre “davam seu jeito” de participar. Assim surgiu figuras como os mascarados das folias de reis, nas congadas cavalhadas e tantas mais manifestações que dominaram e marcaram as “folias” de rua na formação do Brasil. Os cortejos aos santos católicos marcavam esses dias de festas, muitas vezes sendo o seu total preparo dado pelos negros para os brancos os usufruírem. Com a dominação católica os negros tiveram maior identidade com santos e festejos que faziam referência a algo mais “familiar”. Assim o culto a São Benedito e Nossa senhora do Rosário dos Homens pretos eram mais comuns ao povo escravizado. As congadas a São benedito e as irmandades negras dedicadas à Nossa senhora do rosário eram os pontos altos da devoção desse povo.

A fantasia faz referência aos trajes usado nas congadas- cortejo ao rei do Congo -, utilizando o vermelho que era a cor associado as irmandades negras. Compõe o figurino os estandartes com figuras dos santos já citados e uma igreja no adereço de cabeça. Pois em volta da mesma se estabelecia todas as relações religiosas descritas a cima.

*A se deixar claro que tanto na ala a cima como nesta trata-se dos negros que aceitavam a religião católica como sua nova verdade e ela praticavam.

<p>Ala 07 – Baianas – O Santo é Orixá.</p>	<p>Muitos negros mesmo duramente castigados e ideologicamente punidos por seus preceitos vindo de África, lutaram por continuar seus cultos e crenças no novo mundo. Uma das formas mais comuns que caracterizou o chamado sincretismo religioso que marcou de vez a presença africana no território brasileiro foi a associação de santos católicos com divindades africanas, sobretudo da nação ioruba e seus orixás – divindades do candomblé. Essa pratica se deu devido muitos senhores de escravo obrigarem suas “propriedades” a venerarem o santo ou santos de sua devoção, assim acreditavam seriam mais fáceis evitar fugas e revoltas. Então logo, os negros eram obrigados a ajoelharem e rezar diante das esculturas dos santos católicos. Como forma de manter sua integridade e cultuar suas divindades de além-mar, muitos negros consagravam em seus rituais escondidos uma ota – pedra de rio – a seu orixá de devoção e colocavam dentro da escultura do santo católico a qual eram obrigados a direcionar suas orações. Assim mesmo que aparentemente imaginavam que eles estavam rezando para os santos de seus senhores, na verdade eles estavam seguindo secretamente suas crenças. Com o desenvolvimento dessa prática e influências diversas, acostumou-se e estabeleceram associações de Santos católicos com orixás, sendo estas associações possuindo muitas variações em diferentes lugares do Brasil.</p> <p>A fantasia faz referência a citada prática, mostra do lado externo uma visão comum de uma santa católica com seu manto, coroa e esplendor celestial; e a parte interna a associação iconográfica um orixá feminino com o chorão cobrindo o rosto e o laço dedicado a divindade. Sobe o laço tem-se uma gravata fazendo papel de pano da costa com a representação da ota consagrada.</p>
<p>Ala 08 – Os Povos de imigração.</p>	<p>Outra forte influência na formação sincrética dos</p>



**Alegoria 02 – Uma nova religião.**

negros no Brasil foram a presença dos chamados povos de imigração, sobretudo do oriente. A crença mística oriental misturou-se com os preceitos africanos e os dogmas católicos na formação de uma nova visão de culto no Brasil.

Desde o século XVI e mais fortemente no final na virada do século XIX para o XX essas relações modificaram e marcaram presença nas crenças que ali surgiam. Os espíritas e os ciganos foram os grupos que mais influenciaram os negros na constituição de novos valores religiosos.

A fantasia faz referência a estes povos e de forma proposital foge da linha estética adotada pelas alas que constituem este setor, pois a mesma representa algo vindo “de fora”

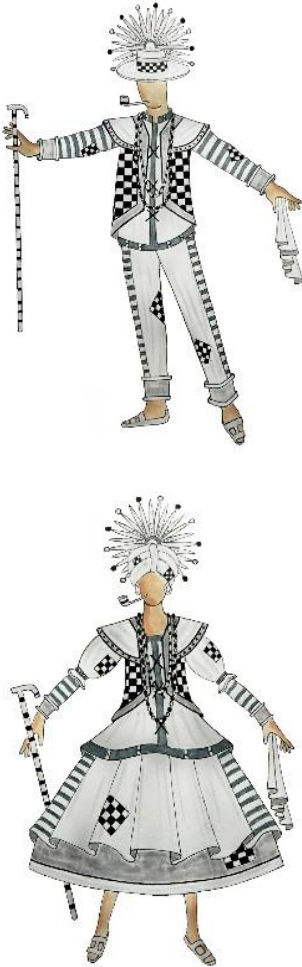
Fechando o segundo setor da narrativa do desfile que apresentou os aspectos da opressão, os cultos religiosos e a forma criadas pelos negros para mantê-los, a segunda alegoria traz uma visão conservadora da única religião genuinamente brasileira – carioca mais especificamente – a Umbanda. Como resultado das resistências às intolerâncias, a narrativa do desfile mostra a nova religião como o resultado máximo dessa luta e resistência.

A formação dessa nova visão religiosa está intimamente ligada à influência dos povos de imigração. Segundo conta-se que espíritos considerados não “evoluídos” começaram a “descer” em rituais Kardecistas e em cultos do Candomblé, sendo estes não reconhecidos por essas linhas ideológicas de religião, sobretudo espíritos de Velhos escravos e índios.

No dia 16 de novembro de 1908, na casa do médium Zélio Fernandino de Moraes, às 20h, o Caboclo das Sete Encruzilhadas incorporou, na presença de várias pessoas, e com as palavras abaixo iniciou seu culto:

"Vim para fundar a Umbanda no Brasil. Aqui, inicia-se um novo culto, em que os espíritos de pretos-velhos e os índios nativos de nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo, ou posição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, será a característica principal desse culto."

A fundação do primeiro Templo de Umbanda, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em Niterói foi onde surgiu de fato, uma liturgia, um

	<p>ritual e uma estrutura para que essa religião viesse a ser praticada.</p> <p>A alegoria trás de forma conservadora a visão de um “terreiro” de umbanda. Sem a utilização de símbolos com referência direta as entidades cultuadas ali. E destaca a figura dos praticantes desta nova religião pautada em vários símbolos e dogmas vindos da África. Esculturas de ogãs – responsáveis opor tocar os tambores e chamaras entidades e mães de santo – defumando – compões o aspecto de focar nos membros que formam este culto. A parte posterior tem-se uma representação do entablamento superior da Tenta Espírita Nossa senhora da Piedade, primeiro terreiro de Umbanda, além de formas espelhadas simbolizando os cultos espíritas e as figas de guiné representando os cultos africanos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Destaque central: “O fundador” Zélio Fernandino de Moraes; - Composições – Filhos e Filhas de Santo; - Composições no palco a frente – Mães de Santo.
<p>Ala 09 – Velha Guarda – Salve os Pretos Velhos.</p>	<p>Abrindo o terceiro setor, que enfoca a influência dos cultos africanos na formação da identidade brasileira, a narrativa do desfile foca nas entidades ou divindades e no produto resultante destes cultos, sobretudo no Rio de Janeiro.</p> <p>Os pretos e pretas velhas são entidades da umbanda, associadas aos espíritos dos velhos ancestrais, também tidos como incorporação de velhos escravos que morreram no tronco. Detentores dos saberes divinos, são considerados grandes sábios e responsáveis pelas mandigas e passes, e afastam com suas cachimbadas as energias negativas. Abios conhecedores de ervas são muitos populares junto as comunidades e muito respeitados até por aqueles que não praticam a religião. Assim a tradicional ala da velha guarda da escola usa detentora dos tradicionais saberes da escola representa e homenageia esta importante entidade brasileira.</p> <p>A fantasia mostra uma visão estilizada e simplista da tradicional imagem iconográfica associada a entidade. Utiliza-se das tradicionais cores e elementos comuns como os cachimbos e bengala.</p>
	<p>Elemento Facultativo 02 – Guardiões do casal</p>
	<p>Uma das mais importantes formas de</p>

de MS & PB– Ogãs de toque.



comunicação nos cultos africanos – nesse caso a umbanda- entre os seres humanos e suas divindades é por meio das chamadas giras. Um dos cargos mais importantes contidos nesse ritual é dada ao Ogã de toque, responsável por tocar os tambores e chamar as entidades. Essa figura não incorpora. Os guardiões do primeiro casal de mestre sala e porta bandeira representam este importante cargo do terreiro de umbanda. E conduz os tambores nas giras – Fantasia do casal.

A fantasia permanece com as tonalidades contidas na ala da velha guarda e traz elementos figurativos como o tambor, a figa de guine e os búzios sagrados.

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira –
“Aquele força que vem do céu”: as Giras.

- As giras são a reunião de vários espíritos de uma determinada categoria, que se manifestam através da incorporação nos médiuns. Elas formam um dos pontos fundamentais do chamado culto afro-brasileiro. Podem ser festivas, de trabalho ou de treinamento. As manifestações de entidades nesse culto são de grande importância para o desenvolvimento e conhecimentos do terreiro e dos responsáveis por conduzir o espaço sacro. As forças que vem do céu, trazem consigo os ensinamentos dos ancestrais do negro continente mantendo a linha vital representativa dos filhos da África. Esta que muitas vezes era realizada nas praias e começou a ser conhecida pelo termo macumba, este como já dito é a denominação de um determinado tipo de reco-reco usado durante as giras; por ser um instrumento musical, as pessoas referiam-se da seguinte forma: "Estão batendo a macumba na praia", ficando então conhecidas as giras como macumbas ou. Com o passar do tempo, tudo que envolvia algo que não se enquadrava nos ensinamentos impostos pelo catolicismo, protestantismo, e outras religiões, era considerado macumba. Com isso, acabou por virar um termo pejorativo.

Os condutores do pavilhão Andreense representam esse ritual. A porta bandeira traz em seu traje os búzios responsáveis pela comunicação entre homens e deuses; O mestre sala representa um condutor dos tabuleiros de búzios – babalorixá ou pai de santo – e com graça e leveza protege e “conduz” a gira que se apresenta. O figurino tem como proposta estética a simplicidade e elementos contidos nesse ritual, colares e rendas enriquecem o visual.

<p>Elemento Facultativo 03 – Rainha da Bateria– Oxum de Ciáta.</p> 	<p>Os toques das giras foram de vital influencia para o desenvolvimento do ritmo que domaria as comunidades cariocas no século XX. Influenciado por figuras importantes do cenário que se apresentava. Entre essas figuras destaca-se Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata era uma baiana quituteira da comunidade da “Pequena África” do Rio de Janeiro. Também era uma mãe-de-santo, integrando o grupo de baianos que vieram para o Rio de Janeiro no final do século XIX. Filha de Oxum – Orixá da Beleza, do ouro e das águas doces- Tia Ciata acalentava e protegia os sambistas que eram perseguidores. Após os cultos dedicados a seu orixá a baiana conduzia a os seguidores a uma roda de samba em sua casa, assim Tia Ciata é considerada mãe do samba. Este ritmo sedutor que tido como o produto mais importante da identidade brasileira</p> <p>Como Ciata é a mãe do Samba e a mesma era filha de Oxum, então foi comum associar a orixá com praticantes das rodas, tendo eles protegidos por ela.</p> <p>A rainha da bateria representa o orixá de devoção de Tia Ciata. Utilizando de uma visão sensual do arquétipo do orixá ela cores e elementos visuais consagrados a mesma. O elemento de cabeça é inspirado no arquétipo de Oxum desenhada pelo artista Carybé ao retratar os terreiros baianos. Mostrando assim a origem da mais famosas das mães baianas.</p>
<p>Ala 10 – Bateria – “Um batuque de verdade ecoou”: O samba.</p> 	<p>“Os tambores para tocarem por aqui”. Com os toques dos negros rituais e a influência de pessoas ilustres fizeram surgir o ritmo magistral, fator de identificação mundial da cultura brasileira: O samba. Mostrando que os tambores que tocaram por lá ecoaram por aqui, fundamentam de forma definitiva a marca da presença religiosa negra no brasil. O ritmo negro vindo de Angola denominado de Semba atravessou o atlântico e ganhou novos valores e “jeitos”, os tambores religiosos ganharam versões mais profanas e marcaram as comunidades cariocas. Ganhando empatia popular e posteriormente – Inicialmente eram perseguidos – foi balizado pelas mais diversas classes da sociedade.</p> <p>A fantasia da bateria traz elementos simples e farrapos para mostrar os primeiros sambistas nas regiões mais pobres do Rio de Janeiro,</p>

Ala 11 – Passistas – Malandros e Mulatas.

A expressão da dança do novo ritmo que surgia foi um dos fatores mais importante para o desenvolvimento e crescimento do mesmo. Os malandros dos morros tinham em seu molejo os movimentos tradicionais do que hoje denominamos de samba. E as mulatas “desenham” com corpo a ginga e o encantamento desse sedutor ritmo.

A ala dos passistas buscam em duas entidades da Umbanda representações das tradicionais figuras descritas a cima. A fantasia masculina faz referência a figura popularmente conhecida como Zé Pilintra; salve seu Zé como é comumente ecoado em territórios de boemia. Entidade que trabalha na linha de Exu, Zé Pilintra é o protetor dos malandros boêmios e miseráveis, guarda as portas e é tido como o advogado dos pobres. A fantasia utilizasse das cores padrão da entidade – branco e vermelho -, e usa os elementos comuns ao mesmo (Chapéu panamá, bengala, terno, sapato bicolor), mas como o mesmo guarda os mais pobres essa versão de Seu Zé traz trajes mais pobres e farrapos.

O figurino Feminino traz referência a entidade denominada Maria Mulata, representante da chamada linha dos baianos, ela trabalha na linha de Iansã, leva alegria e disciplina aqueles que possuem boa índole, famosas por sua determinação, auxilia no crescimento pessoal. É tida como alegre e divertida, a entidade dança e festeja e expressa assim como as mulatas no corpo seus valores. A fantasia segue a ideia da vestimenta masculina usando as cores associadas a Maria Mulata e trajes típicos baianos.

Ala 12 – O povo do terreiro na avenida.

Para representar os cortejos negros nas ruas na primeira metade do século XX, utilizou-se das gravuras da exposição “Batuque, samba e Macumba” de Cecília Meireles em 1933. Com uma visão comum a época, a renomada escritora lançou mão aos desenhos para representar os negros na rua, em três momentos, como o título sugere. Na Questão que referente ao samba Cecília expressa de forma tradicional a época, a visão do povo do samba. Em uma gravura que serve de inspiração para a ala a ser descrita, a escritora relata visualmente e em texto uma visão alegre e contagiante de um grupo de negros do cais que saíam as ruas trajados de baianas (homens e mulheres), com farrapos, estandartes e instrumentos ao som do samba. Ao tratar o caráter religioso a exposição refere-se



este cortejo como “o povo do terreiro”, e a discriminação – mesmo de forma velada, já que este não é o foco da exposição – de parte da sociedade com estes grupos. Era comum eles serem considerados adoradores de demônios e que o samba tocado nesses cortejos seriam para chama-lo (o demônio) afim do mesmo “atrapalhar a vida do outro”. Assim era comum indivíduos tamparem suas orelhas afim de não serem “seduzidos” pelos toques de tambores.

A fim de mostrar o caráter festivo dos cortejos negros nas ruas a ala representa um grupo inspirado na visão de Cecilia Meireles na gravura dita a cima. O figurino é composto por três fantasias – O porta estandarte, os sambistas e as baianas- que saiam as tardes de carnaval serpenteando as ruas próximo ao cais do Rio de Janeiro. Para propor uma visão diversificada o grupo utiliza-se de diferentes elementos de cabeça com expressão e artigos distintos. Os trajes trazem farrapos e predomina as cores prata e cinza dando um ar gráfico semelhante a gravura inspirada. O porta estandarte trás os dizeres “O POVO DU TERREIRO SAUDA I PEDI PASAJIN”, mostrando a deficiência educacional comum aos negros da cidade. Cecilia – que em todos as gravuras que trazem dizerem usa esse recurso – relata que era comum os “brancos letrados” se oferecem para escreverem em fachadas e cartazes dos negros analfabetos, e de forma proposital escreviam de maneira errada, mesmo sendo pagos pelos serviços.

Ala 13 – E fez escola.



Essa formação de grupos negros em torno de cortejos na época de folia ao som de samba foi o ponto fundamenta na formação das chamadas escolas de samba. A primeira escola de samba surgiu no morro do Estácio: a Deixa falar. Afim de fundamentar e reunir sambistas e aqueles que se encantavam com o ritmo. Curiosamente a Deixa falar a pesar de ser a primeira escola de samba nunca fez parte dos desfiles oficiais. Preferindo se apresentar ao lado dos ranchos que possuíam mais prestígio na época. Findando suas atividades um ano após ser criada. Os desfiles oficiais eram realizados na Praça XI. Os cortejos das escolas caracterizavam por grande alegria e descontração da população negra. No caráter religioso as novas instituições carnavalescas se caracterizam como refúgio de crenças e cultos pela sociedade discriminada. As escolas de samba possuíam – e ainda possuem - orixás de devoção, e tinham suas baterias

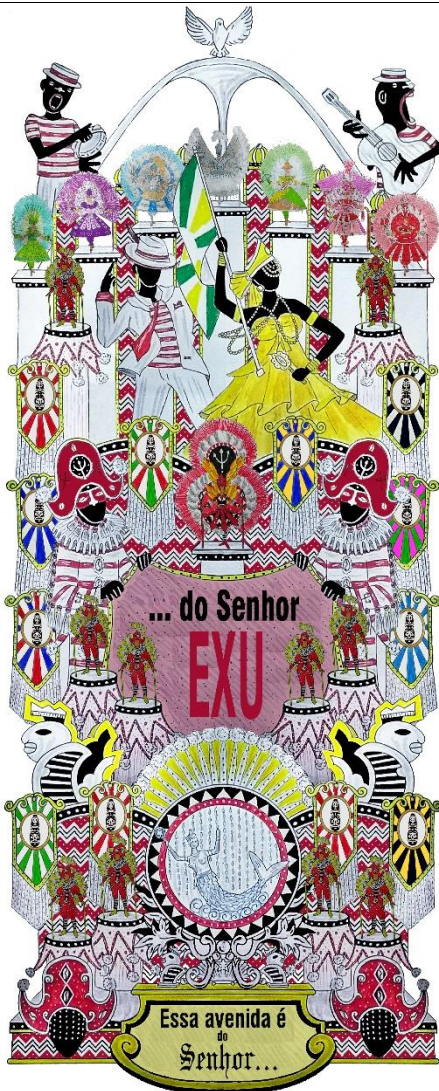


(Os exemplos acima são apenas uma amostra, no desfile possui oito opções de cores para representar as mais variadas agremiações)

reconhecidas por toques em sagração ao mesmo. As bandeiras das agremiações muitas vezes tinham as cores de seus orixás a qual a mesma tinha devoção, por exemplo o Salgueiro leva o vermelho de Xangô, a Beija-flor temas cores de São Jorge sincretizado em Ogum, entre outros.

A ala que encerra este setor representa as escolas de samba que são uma das mais importantes manifestações populares do Brasil, e como vimos na narrativa que aqui chega, é fruto da influência da religiosidade africana. O figurino faz referência as primeiras fantasias dos desfiles iniciais. O povo negro invertendo sua realidade preferia se fantasia de fidalgos ou nobres europeus, com cartolas, coletes, perucas e tudo que tinha direito. A escolha estética baseia-se no branco e dourado e debruça-se das cores dos tradicionais pavilhões das variadas escolas de samba. Os estandartes nas mãos dos brincantes trazem a representação mais comum dos pavilhões.

Alegoria 03 – O altar do Samba é o gongá do carnaval.



O crescimento dos desfiles das escolas de samba durante os anos se mostra o quão profundo as manifestações de cultura negra se enraizaram no Brasil, sendo considerado o maior espetáculo da terra. Ao longo do tempo os desfiles deixaram a extinta Praça XI e tomaram as avenidas até se consolidarem no sambódromo estalado na Marques de Sapucaí. Estas avenidas comumente foram denominadas de Altar do Samba, pelo caráter quase religioso contido nos desfiles apresentados. Além nas mesmas desfilar os sambistas imortais, figuras quase santificadas no imaginário carnavalesco carioca e brasileiro, como Cartola, Jovelina Perola Negra, Ivone Lara, Clara Nunes, Nelson Cavaquinho, entre muitos outros.

Apesar dos desfiles iniciais tratarem apenas de temas oficiais da história brasileira, o caráter religioso africano logo ganhou destaque nessa folia. Em 1966 pela primeira vez um orixá é citado em um samba enredo, mudando as direções e aproximando os cultos que deram origem ao ritmo com os desfiles. A orixá em questão foi Iemanjá que era cantada nos sambas do Império serrano e São Clemente. Mas foi em 1969 que a história mudaria de vez, no desfile do Salgueiro de Fernando Pamplona em homenagem a Bahia, surge a primeira grande alegoria imortalizada na memória popular. A alegoria trazia Iemanjá, a primeira representação visual de uma divindade negra no carnaval brasileiro, a figura da rainha das águas em prata

	<p>e espelhos, conduziu o Salgueiro a um desfile inesquecível e campeão. A partir daí houve inúmeros desfiles com diversos enredos que cantaram e trouxeram imagens de “santos” negros. Transformando o chamado altar do samba no verdadeiro gongá do carnaval. Fazendo assim os desfiles como oferendas aos orixás. Popularmente esses desfiles de cunho africano também são pejorativamente denominados de macumbas. Mas os mesmos são reais expressões livres do povo negro que fundamentou os pilares da identidade brasileira e transformam desfiles em verdadeiras procissões em louvor às entidades.</p> <p>Como forma de desqualificação em um culto de uma igreja cristã neopentecostal ocorrido na Marques de Sapucaí em 2017, um dos líderes religiosos expressou em alto e bom tom a todos que naqueles momentos os seus louvores limpariam aquela avenida de todo e qualquer “mal” que ali já tivesse passado e que seu único e verdadeiro “Deus” deveria por ela ser cultuado. Terminando o “discurso” com a expressão “Essa avenida é do senhor”. Mostrando a visão intolerante por parte daqueles que não respeitam o culto alheio e suas manifestações.</p> <p>A terceira alegoria encerra o setor que mostrou a importância dos cultos negros na identidade brasileira, sobretudo na formação dos desfiles das escolas de samba. A opção estética adotada mostra a riqueza das manifestações de “macumba” nas avenidas dos desfiles, traz frase do discurso dito acima na frente da alegoria, mostra que o Altar do Samba é de fato o grande Gongá do carnaval.</p> <p>A dita Iemanjá do Salgueiro de 1969 retorna aos desfiles conduzindo uma série de pavilhões representando as diversas escolas de samba que já levaram temas da religiosidade africana em seus desfiles. Os pavilhões à frente representam o Salgueiro, pelo desfile de 1969, o Império Serrano e a São Clemente pelos sambas de 1966. Ao Centro surge figuras arlequinadas com motivos africanos conduzindo os dizeres daquele é considerado o verdadeiro dono das avenidas dos desfiles: O orixá Exu, zelador das ruas e responsável por abrir os caminhos. Seguindo surge a figura do tradicional casal de Mestre Sala e Porta bandeira, neste caso representados por duas entidades dos cultos afro-brasileiros: Zé Pilintra dançando com Oxum. Estas figuras já foram muito utilizadas em diversos desfiles,</p>
--	--

	<p>inclusive no papel agora representado. Fechando a alegoria tem-se uma das mais comuns representações de um gongá (altar) nos terreiros. Uma sequência escalonada onde são colocadas as imagens das divindades. Encerrando a alegoria tem-se o arco da apoteose com os sambistas inicialmente tocavam tambores nos cultos africanos (primeira alegoria), posteriormente tocavam atabaques nos cultos do umbanda (segunda alegoria), agora tocam instrumentos mais modernos de diferentes origens, mas ainda mantendo o ritmo desse “ritual” na avenida.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Destaque Central – Exu, a chama que abre o caminho; - Destaques da parte posterior: Ossain, Nanã, Ogum, Oxalá, Oxóssi, Iansã e Xangô; - Composições: Afrofoliões.
<p>Ala 14 – “O povo na rua não se cala e segue em procissão” ou Não chuta que é macumba!</p> <div data-bbox="183 891 762 1438" data-label="Image"> </div> <p>(Os exemplos acima são apenas uma amostra, no desfile possui oito opções de cores para representar as mais variadas agremiações)</p>	<p>Encerrando o desfile que narrou a influência dos cultos africanos na formação da identidade brasileira, optou-se por representar todo um setor em apenas uma grande ala, que em forma de ministração faz uma grande passeata em prol dos direitos dos cultos religiosos e contra a crescente intolerância com os cultos africanos. As estatísticas mostram uma crescente violência contra aqueles que praticam cultos afro-brasileiros. A perseguição a baianas, pedras atiradas em crianças, destruição de terreiros entre outros escancaram uma velada “guerra santa” contra esses cultos. Assim o Império Andreense convoca as pessoas de todas as irmandades para juntos soltar o grito contra a intolerância religiosa, e saudar os pretos velhos, deixar as baianas dançarem para os seus orixás permitindo assim uma maior interação entre o povo de Olorun e os povos de outros deuses formando assim um país mais tolerante, com o respeito a todos.</p>

Nome Completo da Escola**Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Império Andreense***Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)****Henrique Torres***Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)****Leandro Ramos***Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)****Ewerton Fintelman (Etho)***Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)*****Autores do Samba-Enredo da Escola****Tuta Maluco***Data de Fundação da Escola****23/08/2011***Cores da Escola****Verde, Amarelo, Azul e Branco***Símbolo da Escola****Brasão de Santo André e dois Tigres***Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)***

O GRESV Império Andreense fundado em 23/08/2011, teve seu início pela curiosidade do presidente por carnaval virtual, desde então segue na busca pelo sonho tão esperado

Título do Enredo**Não chuta que é macumba***Autor do Enredo****Leandro Ramos***Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)***

O Império Andreense apresenta do desfile do grupo de acesso B m 208 o enredo “Não Chuta que é Macumba!” Narrando a influência da religiosidade africana formação a identidade brasileira. Mostrando uma África de crenças livres com sistemas de ritos e deuses próprios. Segue mostrando os grupos invasores do território negro e intolerância religiosa por eles praticados. O desembarque em terras brasileiras dos negros na condição de escravos e sua resistência culminando na única religião genuinamente brasileira.

A escola segue mostrando a importância dos cultos negros nas manifestações brasileiras – sobretudo cariocas – e a formação do samba, das escolas de samba e a importância religiosa nos desfiles. Encerrando com uma grande passeata contra a intolerância e em prol do respeito.

**Tudo que estiver em asterisco É OBRIGATÓRIO. Seu não preenchimento acarretará na perda de 0,1 pontos de acordo com o Regulamento Oficial LIESV 2018.*